Esquentando o banco

Jonatas Tosta

1

Entreguei os currículos em várias empresas de renome. Dentre elas, a rede grande rede mundial do McDonalds. Deixei o currículo no balcão da gerência. Uma voz no meu íntimo, bem no íntimo mesmo, rezava para que não fosse chamado. Lembrava muito a voz que gritou como louca na semana do meu casamento. E como naquela vez não dei a menor atenção.

Na rua da estação do metrô até as adjacências da Lapa fui bombardeando os Recursos Humanos de diversas empresas com currículos impressos em folhas A4 e foto 3x4 anexada.

Duas horas depois dei graças a Deus ao sentir o ar-condicionado do banco refrescando meu rosto. Tinha o mendigo de sempre na porta. “Me dá um trocadinho moço, estou sem trabalho, cheio de fome” disse ele. Eu respondi “o mesmo pra você, meu amigo... uns trocados bem que iam ser úteis agora, não é verdade? Tem algum pra aí?”.

O banco estava um inferno.

Dia de pagamento.

Entrei na seção repleta de caixas eletrônicos enfileirados. Esvaziei os bolsos pra não disparar o detector de metal e passei sorrindo pela porta giratória. O segurança correspondeu erguendo a mão e um quase sorriso.

Apreciava o ar refrigerado quando, sem mais nem menos, a porta travou. O segurança passou a mão do cumprimento pra arma pendurada no coldre. Recordei do marcapasso de freqüência fixa instalado no peito, debaixo da pele. Azar. Um refrão de uma música de Rogério Skilab reverberou no meu ouvido esquerdo e sacudiu meu cérebro:

“QUE SACANAGEM!!!”

2

- Ei, amigão. – disse eu gesticulando, apontando pro peito – marcapasso! Eu tenho um marcapasso.
- Esvazie os bolsos e largue a pasta no chão por gentileza, senhor.
- É só um marcapasso. Não tô armado não, segurança.
- Por favor, obedeça. Se mova devagar.
Obedeci. Pus a pasta com documentos no chão.
- Agradeço. Agora tire a camisa, senhor.
- Mas eu não tenho nada aqui! Isso aqui fazendo volume é minha barriga, não tem nada debaixo! Olha pra minha cara e vê se eu tenho cara de marginal.
- Até onde eu sei não é preciso ter cara de marginal pra ser um. Sinto muito, mas este é o procedimento. Tire a camisa e vire de costas. – ele já tinha sacado a arma e eu era o centro das atenções. Obedeci à nova ordem:
- Eu só vim pegar meu dinheiro, amigo. Acha que sou maluco de assaltar um banco?
- Sinto muito.
- Quer me fazer passar essa vergonha?
- Só estou fazendo meu trabalho.
- Droga! Esqueci o cartão do portador do marcapasso que o hospital me deu! Segurança, me deixe pegar a carteira. Tenho o documento que vai confirmar.
- Tire a camisa.
Comecei a suar como se estivesse na praia. Xinguei enquanto arrancava a camisa do

corpo:
- Porra cara. Dá um tempo e deixa de ser veado! Fala a verdade, você tá só de brincadeira comigo, né? Só pode ser isso! – eu não devia falar, mas falei assim mesmo. A princípio não pareceu se ofender... isso até ele dizer:
- Muito bem senhor. Agora as calças, por favor.

3

Uma hora se passou.
Depois da vergonha pública de ser filmado por duas emissoras de TV e ser o centro das atenções o gerente não tinha chegado ainda. A esta altura o segurança já tinha mandado tirar as cuecas, mas me recusei. Ele também se recusou a destravar a porta giratória. Não parava de repetir que só estava fazendo seu trabalho, seguindo a norma de segurança.
As pessoas começavam a resmungar alto. Uma voz ou outra gritava pra me soltar. Eu insistia que era só olhar minha carteira e veria o comprovante do portador do marcapasso. Um outro segurança barrigudo, com uma tatuagem que mais parecia sujeira de graxa no antebraço foi verificar.
- Não encontrei nada aqui.
- Olha direito. Tem que estar aí. Eu nunca tirei isso da carteira – na verdade nunca tinha posto pra poder tirá-a.
- Então fala com o gerente que ele vai resolver pra você.
O gerente acabara de chegar. Ainda estava com o lábio sujo de farofa quando disse ao segurança:
- Que é isso, pessoal! Deixem o homem. Não estão vendo que ele é trabalhador?
- Sinto muito, seu gerente. Fui polícia e vi de tudo na minha carreira; desde mulher atirando em homem e criança matando o irmão – justificou-se, - não posso dar mole pra qualquer um que entra disparando o detector de metal...
Eu me meti indignado:
- Mas não pode sair mandando todo mundo ir tirando a roupa desse jeito!
- O cliente tem razão! Vamos ter uma conversa séria. Pode deixar o cliente passar?

- É isso que dá fazer seu trabalho direito...
Destravada a porta giratória, um alívio subiu minhas vértebras. Vesti a calça e pus a camisa por dentro dela. Uma multidão revoltada queria entrar e a outra sair do banco. Eu encontrava-me bem no epicentro da turba. Foi uma confusão só. Idosas dizendo que tinham que ir à frente porque eram idosas, gestantes porque eram gestantes, homossexuais porque eram homossexuais. Era o direito de todos desfrutarem da vantagem de pertencer a uma minoria, mas ninguém se recordava do dever de ser o mínimo civilizado pra se ter algum direito. Ninguém queria ceder. Ninguém. E ninguém reparou que o tempo de espera se multiplicou diante daquela discussão tola. Um deficiente já acostumado à situação ficou parado observando, pensando sabe-se lá no quê.
O segurança fez um esforço inútil pra controlar a multidão. O povo sempre consegue quando quer.
Pra encarar a turba, tive que enfrentar uma pressão danada de corpos suados e passar por baixo de axilas ásperas e fedorentas.
Dei de costas e ignorei a barulheira. Não me importei nem com o deficiente. Ele esperou paciente o final da desordem que fluía diante de seus olhos. Após o último cidadão ir embora, ele girou a roda da cadeira até a saída para deficientes. Era difícil ninguém notar o cidadão cabisbaixo seguindo adiante com o mundo fazendo um barulho irritante com aquela cadeira com parafusos frouxos, mas as pessoas sem fazer um esforço não notaram mesmo assim.

Obra original disponível em:
http://www.overmundo.com.br/banco/esquentando-o-banco